

Amai e... não vos multipliqueis

Maria Lacerda de Moura

Indicação editorial: Margareth Rago

Posfácio: Mariana Patrício Fernandes

15cm × 21cm — 328 páginas — 430g

ISBN 978-65-990122-9-7

Os livros da Chão Editora são distribuídos com exclusividade pela Editora 34

“Em que consiste a emancipação feminina? De que serve o direito político para meia dúzia de mulheres, se toda a multidão feminina continua vítima de uma organização social de privilégios e castas em que o homem tomou todas as partes do leão?”

Publicado originalmente em 1932, *Amai e... não vos multipliqueis* é um grito de protesto contra todas as formas de autoridade que oprimiam e oprimem as mulheres: a família, a Igreja, o capitalismo e os governos fascistas — e também o próprio feminismo, o comunismo ou qualquer tentativa de combater uma autoridade colocando outra em seu lugar.

O livro é uma coletânea de artigos que Maria Lacerda de Moura, pioneira do feminismo anarquista, escrevia para o jornal *O Combate*. Os textos têm como interlocutores contemporâneos da autora no cenário político da época, à esquerda e à direita, em um Brasil e um mundo tão ou mais polarizados que os de hoje, quando comunistas e integralistas se enfrentavam fisicamente nas praças do país e o fascismo avançava na Europa.

Para contrapor-se à associação entre fascismo, machismo, clero e capitalismo, *Amai e... não vos multipliqueis* defende o amor como via de emancipação, sobretudo para as mulheres: escolher quem amar, poder amar mais de uma pessoa, escolher ser ou não ser mãe eram meios de libertá-las das garras do patriarcado — mais eficazes, segundo a autora, do que a conquista do direito ao voto pelo qual lutavam Bertha Lutz e o movimento sufragista brasileiro.

Com isso, o livro vincula a questão da emancipação feminina à luta pela emancipação do indivíduo no capitalismo industrial, o que o aproxima do feminismo da década de 1960 e abre um amplo espectro de possibilidades de diálogo com o feminismo atual.

Sobre Maria Lacerda de Moura

Maria Lacerda de Moura (1887-1945) foi professora, escritora, anarquista e feminista. Formou-se professora pela Escola Normal Municipal de Barbacena e participou de esforços para enfrentar a questão social através de campanhas nacionais de alfabetização e reformas educacionais.

A partir de seu trabalho como educadora teve contato com as ideias renovadoras da médica feminista Maria Montessori e dos pedagogos anarquistas Paul Robin, Sébastien Faure e Francisco Ferrer. Participou de movimentos associativos feministas, mas rompeu com eles por entender que a luta pelo direito de voto respondia a uma parcela muito limitada das necessidades femininas. Foi colaboradora frequente da imprensa operária e progressista de São Paulo.

Em sua obra tratou de temas como a condição feminina, amor livre, direito ao prazer sexual, divórcio, maternidade consciente, prostituição, combate ao clericalismo, ao fascismo e ao militarismo.

Sobre Mariana Patrício Fernandes

Mariana Patrício Fernandes é professora do Departamento de Ciência da Literatura e pesquisadora do programa de pós-graduação de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É uma das coordenadoras do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ. Pesquisa a relação entre escrita e corpo a partir dos vínculos entre literatura, dança, história e feminismo. É organizadora do livro *Veredas argentinas: ensaios à margem da literatura* (7 letras, 2007) e tradutora de *Mensagens revolucionárias* (2020) e *A perda de si: cartas de Antonin Artaud* (2017, junto com Ana Kiffer), ambos de Antonin Artaud.

Trechos

“O Amor é fonte de vida e é através do Amor que os seres sobem a escalada para uma finalidade mais alta.

O que é sádico e exclusivista, o que tem ciúmes, o que se vinga, o que mata é o instinto, é o ser ancestral bestializado, impelido pela mesma força inconsciente, pela mesma vibração selvagem, brutal que estimula o galo, o touro, o tigre ou a pantera a lutar pela posse exclusiva da fêmea.

E a honra “lavada” pelo homem é a mesma honra das hienas, das toupeiras, dos touros no curral ou dos galos no terreiro. [...]

Quando sentiremos a necessidade de uma educação ao inverso, o combate ao exclusivismo em amor, ao ciúme, quando sentiremos o ridículo desse “lavar” da honra dos nossos galos e dos nossos touros de formas humanas?”

“Por si mesma, a moral, de que se alimenta a sociedade vigente, decreta a própria falência. Essa moral odiosa, de classes de ricos piedosos e de pobres a receberem esmolas, de exploradores caridosos e explorados calculadamente vigiados pela força armada, mantenedora da passividade exterior e da revolta latente dos ilotas modernos, essa moral farisaica, para os ricos aconselha a caridade, a distribuição ostentosa do supérfluo adquirido à custa do suor proletário e para os pobres recomenda a resignação passiva, o receber, humildemente, as sobras que espirram, por acaso, das mesas dos ricos e olhar ainda, agradecidos, para essas mãos orgulhosas que se divertem nas caridades exibicionistas dos salões elegantes, tirando partido das misérias sociais para o seu prazer. Quando novas fórmulas de uma ética mais humana se apresentam para outra organização social de mais equidade, — ainda a mulher está convencida de que a sua mais alta missão na vida é a caridade e só conhece a questão social através da caridade, mas, dessa caridade de chás e tangos e requebros declamatórios nos salões...”

Informações para imprensa:

Gabriela Toledo
(11 98227-0770 / obaramail@gmail.com)

Informações para professor:

Mariana Mendes
(professor@chaoeditora.com.br)